

# 15° CBC

Congresso  
Brasileiro do  
Cooperativismo

Projetando um futuro + coop

## DOCUMENTO-BASE



somoscoop»



Sistema**OCB**

CNCOOP | OCB | SESCOOP

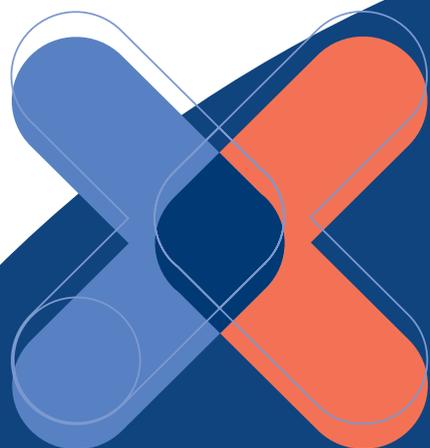
# 15° CBC

Congresso  
Brasileiro do  
Cooperativismo

Projetando um futuro + coop

DOCUMENTO-BASE

# INTERCOOPERAÇÃO



somoscoop»

 Sistema**OCB**  
CNCOP | OCB | SESCOOP

# 1. Panorama

---

A cooperação entre cooperativas, ou intercooperação, é um dos sete princípios do cooperativismo. Podemos entendê-la como o trabalho em conjunto de organizações cooperativas, por meio do compartilhamento de estruturas, negócios, projetos e/ou sistemas, para o benefício dos seus membros e o fortalecimento do movimento cooperativista. Enquanto princípio, o texto atual foi definido em 1995, durante o congresso que comemorava o centenário da Aliança Cooperativa Internacional (ACI): “As cooperativas servem de forma mais eficaz aos seus membros e dão mais força ao movimento cooperativo trabalhando em conjunto, através de estruturas locais, regionais, nacionais e internacionais”.

A intercooperação se caracteriza por sua essência voluntária e consensual, requerendo o consentimento e a colaboração mútua de todas as partes envolvidas. Este princípio é orientado por dois objetivos fundamentais: a geração de resultados mútuos e a consolidação do movimento cooperativista. Em primeiro lugar, visa gerar benefícios tangíveis para os membros, potencializando a capacidade da cooperativa, proporcionando fortalecimento direto aos seus integrantes e alcançando resultados que seriam inatingíveis isoladamente, graças às vantagens derivadas das economias de escala. Em segundo lugar, almeja consolidar o movimento cooperativo em si, promovendo o desenvolvimento sustentável das cooperativas individuais — neste caso, embora os benefícios possam não ser imediatos, o enfoque contribui para a edificação de um setor econômico e social robusto, dotado de maior resiliência competitiva.

A intercooperação apresenta vários níveis de comprometimento e pode abranger desde simples processos de troca de informação até complexos consórcios comerciais ou, ainda, estruturas mundiais de representação. É importante, por isso, estabelecer algumas tipologias para delimitar o objeto da discussão:

## **INTERCOOPERAÇÃO HORIZONTAL E VERTICAL:**

O modelo horizontal se refere à colaboração entre cooperativas no mesmo nível da cadeia produtiva, exemplificada pela produção conjunta em um setor ou pela parceria entre cooperativas de diferentes áreas, como a interação entre cooperativas dos ramos Agropecuário e Crédito. A intercooperação vertical, por outro lado, ocorre entre cooperativas em diferentes estágios da cadeia produtiva, como a colaboração entre cooperativas de produção e de comercialização, ou quando cooperativas do mesmo estrato colaboram em iniciativas de outro nível produtivo, como na formação de uma central de compras.

## **INTERCOOPERAÇÃO LOCAL, NACIONAL, REGIONAL E INTERNACIONAL:**

Essa dimensão da intercooperação abrange a colaboração dentro de municípios, estados, nações e no cenário internacional, respectivamente, apresentando uma variedade de complexidades e requerendo distintos níveis de profissionalismo.

**INTERCOOPERAÇÃO SETORIAL E INTERSETORIAL:**

O modelo setorial acontece entre cooperativas, centrais ou sistemas dentro do mesmo setor, enquanto a intercooperação intersetorial envolve entidades de setores distintos, promovendo uma colaboração mais ampla e diversificada.

**INTERCOOPERAÇÃO FORMAL E INFORMAL:**

A modalidade formal é estabelecida por meio de acordos ou estruturas claramente definidos, enquanto a informal caracteriza-se por sua flexibilidade e pelos custos reduzidos, sendo mais apropriada para projetos menores e de menor risco.

**INTERCOOPERAÇÃO COMERCIAL, POLÍTICO-INSTITUCIONAL, TÉCNICA E SOLIDÁRIA:**

Comercial, quando o trabalho conjunto é realizado para obtenção de benefícios comerciais para as cooperativas; político-institucional, quando as organizações cooperativas estabelecem estruturas associativas e de representação com diversos fins, ou quando promovem intercâmbio de conhecimentos e de boas práticas; técnica, realizada para atingir fins práticos, profissionais ou tecnológicos específicos como a educação, formação e capacitação cooperativista; e solidária, quando visa alcançar objetivos altruístas, normalmente associados ao cooperativismo ou a causas humanitárias, como o estabelecimento de agências de desenvolvimento internacional, fundações ou fundos solidários geridos por cooperativas.

**INTERCOOPERAÇÃO DIGITAL:**

Este tipo congrega, em plataformas digitais, diferentes cooperativas ofertantes e demandantes de produtos e serviços cooperativos. Esse tipo de *marketplace* tem o potencial de reunir cooperativas de todos os ramos.

## 2. Principais desafios da intercooperação

---

Com base nos dados do *Anuário do Cooperativismo Brasileiro*<sup>1</sup>, inferimos que, embora a intercooperação seja, teoricamente, uma prática endossada pelas cooperativas brasileiras, a realidade prática apresenta cenário distinto. Os dados revelam que apenas 24% das cooperativas do segmento de infraestrutura recorreram a serviços oferecidos por cooperativas de saúde. Da mesma forma, somente 10% das cooperativas agropecuárias engajaram-se na aquisição de produtos ou serviços de cooperativas de trabalho, enquanto 34% das cooperativas de transporte estabeleceram transações comerciais com cooperativas de crédito.

Esses índices revelam uma interação limitada entre as cooperativas de diferentes ramos, o que sugere a existência de barreiras à intercooperação. Essa constatação suscita questionamentos sobre os fatores que restringem a colaboração mais intensa entre as cooperativas brasileiras, in-

1 Sistema OCB. *Anuário do Cooperativismo Brasileiro 2023 (ano-base 2022)*. Disponível em: <https://anuario.coop.br/>

dicando a necessidade de uma investigação mais aprofundada para compreender as dinâmicas e os desafios subjacentes a essa realidade. Ao mesmo tempo em que traz inúmeros ganhos às cooperativas e ao movimento cooperativista como um todo, a intercooperação é um dos princípios mais difíceis de ser implementado. Vários fatores podem explicar este fato. Por exemplo:

- » Pouca confiança entre os dirigentes.
- » Inexistência de pauta institucionalizada para esse propósito em âmbito nacional, ou mesmo regional.
- » Falta da definição clara dos objetivos e dos meios para o seu alcance.
- » Rivalidade regional (visão mais de competição do que de cooperação, envolvendo até mesmo preconceito, em alguns casos).
- » Individualismo (cada qual pensando apenas em sua entidade, ou mesmo em si próprio, inclusive com vantagens pessoais em relacionamentos fora do universo cooperativo, enquanto os interesses do cooperado ficam em segundo plano).
- » Fatores político-ideológicos.
- » A acomodação e o descompromisso de lideranças em relação à própria entidade e ao movimento cooperativo.
- » O ego e a vaidade, ora de dirigentes, ora de executivos.

Superadas essas barreiras, para operar estruturas e negócios intercooperativos, é necessária uma aliança muito consistente entre as cooperativas envolvidas. A seguir, listamos alguns desafios operacionais da intercooperação:

#### **criação de estruturas compartilhadas de governança:**

Uma oportunidade de intercooperação sempre traz consigo o risco de perda de autonomia e independência (outro princípio do cooperativismo). Por ser um trabalho conjunto, a intercooperação pode implicar a transferência de poder e responsabilidade, sobretudo quando as cooperativas possuem dimensões diferentes, pois é necessário definir a partilha de poder e de tomada de decisão nas novas estruturas. Se nas cooperativas singulares cada membro tem um voto, em estruturas secundárias isso pode não acontecer. As diferentes dimensões das cooperativas, seja em número de cooperados, volume de negócios ou capacidade de investimento, introduzem fatores que podem justificar diferentes formas de compartilhamento de poder, com a conseqüente argumentação sobre como fazer. A definição da partilha de poder deve ser muito bem debatida e, preferencialmente, definida antes da concretização da intercooperação, para que o projeto intercooperativo tenha êxito.

#### **Garantir a conexão com os cooperados:**

A intercooperação deve ser feita com o objetivo de criar benefícios para os membros. É preciso garantir que as informações cheguem a todos de forma igualitária. A transparência de todo o processo é essencial e minimiza a percepção que alguns cooperados podem ter em relação à intercooperação como um fator de prejuízo, relativamente à situação que existia anteriormente. A base de todo o processo são — e sempre serão — os cooperados, que devem ser os beneficiários do processo intercooperativo.

**COOPERAÇÃO ENTRE COOPERATIVAS CONCORRENTES:**

Em alguns casos, as cooperativas concorrem entre si, seja na procura por novos mercados ou novos clientes e, por vezes, até tentando atrair cooperados umas das outras. A concorrência entre cooperativas não é necessariamente contrária aos princípios cooperativos ou à natureza das cooperativas; ela surge quando procuram ampliar a sua participação no mercado, entrando em conflito com a atuação de outra(s) cooperativa(s). As cooperativas não podem se arriscar a perder mercados, ameaçando sua viabilidade econômica. Portanto, encontrar espaços de intercooperação entre cooperativas concorrentes, que permitam ganhos de escala e de competitividade para as partes envolvidas, deve envolver muito diálogo, profissionalismo, muita transparência, paciência e tempo.

**PERENIDADE ESTRUTURAL:**

O tempo de existência de uma intercooperação varia bastante e vai depender de uma série de fatores (vários deles já listados neste texto). Portanto, compreender o *timing* das decisões, o ambiente interno das cooperativas envolvidas, os riscos assumidos e o apoio da base (dos cooperados) determinará o sucesso ou o fracasso da estrutura intercooperativa.

**SURGIMENTO DE ESTRUTURAS NÃO COOPERATIVAS:**

Há diversas experiências de cooperativas que, a partir do processo de intercooperação, originaram experiências e empreendimentos não cooperativos. Muitas vezes, esse movimento se dá por questões legais/regulatórias e/ou por planejamentos contábeis/financeiros. Dessas iniciativas surge o desafio de assegurar que essas estruturas sejam constituídas respeitando a legislação e que se mantenham sempre alinhadas aos propósitos do cooperativismo e em atendimento aos seus objetivos sociais.

Elaborada em parceria entre o Sistema OCB e a Deutscher Genossenschaftsund Raiffeisenverband (DGRV), uma pesquisa envolvendo 268 cooperativas de nove estados brasileiros foi realizada para entender a dinâmica de parcerias e alianças dentro do setor cooperativo. A pesquisa abordou aspectos-chaves, como as vantagens dessas alianças, os fatores limitadores, e critérios para a escolha e o sucesso de parcerias.

A distribuição dos respondentes destacou o Ramo Agropecuário com 130 participantes, seguido pelos ramos Crédito e Transporte, com 44 e 41 cooperativas, respectivamente, também envolvendo ramos como Consumo e Infraestrutura. As cooperativas relataram uma série de vantagens em estabelecer parcerias e alianças, com ênfase na promoção do desenvolvimento local, compartilhamento de riscos e sucessos, intercâmbio de conhecimento e práticas, e redução de custos operacionais.

A pesquisa apontou que critérios como a promoção do desenvolvimento local, valores compartilhados, qualidade do serviço ou produto e solidez financeira são decisivos na hora de definir parcerias. Fatores limitadores, como a demora na tomada de decisão, a falta de definição clara de estratégias e a dificuldade no relacionamento entre as partes emergiram como obstáculos significativos. Por outro lado, o sucesso de uma parceria depende de vontade política, estrutura financeira, confiança e abertura para negociação, com cada um desses elementos recebendo considerável peso por parte dos respondentes.

Os dados demonstraram que 67% das cooperativas já estabeleceram parcerias ou alianças, sendo que a maioria reconhece a importância de tais empreendimentos para o desenvolvimento sustentável e a inovação.

Os resultados da pesquisa evidenciam, portanto, que as cooperativas reconhecem os benefícios das parcerias, contudo, é necessário superar desafios significativos para maximizar seu potencial. As discussões sobre intercooperação devem focar em criar um ambiente propício à colaboração, superando barreiras e explorando caminhos para medir e gerenciar eficientemente as alianças intercooperativas. Estratégias e ações sugeridas devem ser discutidas, adaptadas e implementadas para fortalecer a intercooperação como um pilar para o desenvolvimento e a sustentabilidade das cooperativas.

## 3. Benefícios da intercooperação e casos de sucesso no Brasil

---

### **INTERCOOPERAÇÃO TÉCNICA E DE BOAS PRÁTICAS:**

Há muitos benefícios advindos da intercooperação técnica, como a criação de estruturas para a prestação de serviços conjuntos (contabilidade, tecnologias de informação e comunicação, publicidade, programas sociais etc.), o que permite ganhos de escala e redução de custos em serviços de interesse comum, sem a necessidade de acordos comerciais. Esses são, muitas vezes, acordos mais simples e fáceis de executar, embora não permitam os mesmos ganhos que os relacionados à intercooperação comercial. Outra forma de cooperação é o intercâmbio de conhecimentos. Quando uma cooperativa compartilha sua experiência, seu aprendizado e suas práticas de sucesso com outras cooperativas, proporciona um aprendizado mais rápido e menos custoso para a cooperativa que recebe.

### **GANHO DE ESCALA:**

Ampliação do volume de negócios, que permite reduzir preços e/ou aumentar a remuneração dos produtos e serviços fornecidos aos/pelos cooperados.

### **ECONOMIA DE ESCOPO OU ECONOMIA DE GAMA:**

Ocorre quando uma cooperativa produz diversos bens que teriam um custo mais elevado caso fossem produzidos separadamente. Logo, quando uma cooperativa diversifica e compartilha insumos, os negócios serão otimizados e os custos, reduzidos.

### **COMÉRCIO ENTRE COOPERATIVAS E INTERCOOPERAÇÃO INTERSETORIAL:**

A intercooperação comercial é o fator determinante para as cooperativas obterem economias de escala que, devido à sua estrutura de capital, dificilmente poderiam ser alcançadas de outra forma. Ela permite reduzir custos, compartilhar capacidade ociosa, conhecimentos e recursos, acessar novas tecnologias, inovação e capital. Esse tipo de intercooperação tem sido realizado, sobretudo, no nível setorial. Isso faz sentido, porque é dentro do mesmo setor de atividade econômica que se pode, normalmente, encontrar os maiores benefícios e as grandes economias de escala. Apesar disso, existe uma grande potencialidade econômica no comércio entre cooperativas e outras experiências de intercooperação intersetorial.

Um exemplo é o de cooperativas que não são do ramo Crédito e movimentam, de forma prioritária, seus recursos em cooperativas financeiras. Nos Estados Unidos, um estudo realizado demonstrou que, se as cooperativas não financeiras transferissem metade dos seus ativos para as *credit unions*, poderiam se beneficiar de US\$ 2,2 bilhões em dez anos, só pela diferença de taxas de juros aplicadas<sup>2</sup>. Outros benefícios incluiriam um aumento das reservas dos bancos cooperativos e um possível refinanciamento dos créditos das cooperativas não financeiras. A intercooperação intersetorial também pode ser feita por meio de acordos para prestação de serviços financeiros entre os bancos cooperativos e as cooperativas não financeiras (por exemplo, as cooperativas de habitação tendo acesso a mecanismos específicos de financiamento para a construção).

A compra e venda conjunta de produtos e serviços cooperativos, além de catalisar a otimização de recursos, abre novas avenidas para o crescimento econômico, facilitando a entrada em novos mercados e estimulando a inovação. Essa dinâmica promove uma troca rica de conhecimento e experiências, vital para o reforço das cadeias de valor e a construção de uma economia cooperativa mais robusta e interligada. Nesse contexto, o Sistema OCB está em fase piloto da plataforma **MarketCoop**, uma iniciativa inovadora de e-commerce cooperativo. Essa ferramenta permitirá que cooperativas de diversos setores, vendam seus produtos e serviços para outras cooperativas, assim como para o público em geral. É uma oportunidade de ampliar o alcance produtos e serviços cooperativos, destacando na comunicação e marketing da plataforma o diferencial de que nela, tudo que é comprado reflete no desenvolvimento econômico e social das comunidades no Brasil. Além disso, o MarketCoop estimula a competitividade, a sustentabilidade e a responsabilidade social, enraizando ainda mais os valores cooperativos na sociedade, e contribuindo para uma visão de progresso coletivo e sustentabilidade.

Por todo o mundo, grupos cooperativos de grande sucesso são exemplos de intercooperação. Na Espanha, o grupo Mondragon é uma rede de cooperativas e empresas subsidiárias que atuam em diversos setores de atividade. Na Finlândia, o S-Group é líder do varejo de alimentos e um consórcio de várias cooperativas regionais. Nos Estados Unidos, as cooperativas financeiras (*credit unions*) devem sua solidez à atuação em conjunto, partilhando diversos serviços e recursos (por exemplo, dispõem da maior rede de caixas eletrônicos automáticos do país).

Os casos de intercooperação a seguir demonstram como essas sinergias fortalecem as cooperativas brasileiras e geram impactos positivos em diversas esferas:

#### MALTARIA CAMPOS GERAIS:

O projeto de intercooperação envolvendo as cooperativas Agrária, Bom Jesus, Capal, Castrolanda, Coopagrícola e Frísia destaca-se no setor cooperativista brasileiro pela construção de uma maltaria em Campos Gerais/PR, representando um investimento significativo de R\$ 1,5 bilhão. A iniciativa não só estimulará o cultivo de cevada na região, beneficiando mais de 12 mil cooperados, como também contribuirá significativamente para o mercado nacional de malte, com a produção anual prevista de 240 mil toneladas. Este empreendimento sublinha o valor da intercooperação ao promover o desenvolvimento econômico e social a partir do compartilhamento de recursos e conhecimentos, fortalecendo o setor cooperativo, e gerando empregos diretos e indiretos.

2 DOPICO G. Luis. **Cooperation among Cooperatives**. 2015. Disponível em: <https://www.filene.org/reports/cooperation-among-cooperatives>.

**UNIUM:**

As cooperativas paranaenses Frísia, Castrolanda e Capal deram um importante passo na intercooperação com o lançamento da marca Unium, iniciativa que simboliza a união e colaboração entre essas entidades. A Unium serve como marca institucional para uma gama de produtos no varejo e atacado, incluindo lácteos, carne suína e farinha de trigo, sob marcas como Colaso, Colônia Holandesa, Naturalle, Alegria e Herança Holandesa. Representando 5 mil famílias de cooperados, a Unium destaca-se por seu expressivo faturamento anual, superior a R\$ 7 bilhões, pelos significativos investimentos e por uma robusta capacidade de produção, que abrange milhões de litros de leite diariamente, toneladas de grãos e suínos processados, além de uma presença global com exportações para 25 países, operando em cinco unidades industriais, em Ponta Grossa, Castro e Itapetininga. A Unium está prestes a se tornar um marco na produção nacional de queijos e laticínios, com investimentos de R\$ 460 milhões em tecnologia avançada na construção da Queijaria Unium. Localizada estrategicamente e próxima à nova Maltaria Campos Gerais, a queijaria visa iniciar sua produção no segundo trimestre de 2024, projetando um aumento significativo na produção de leite local e contribuindo para o crescimento econômico, por meio da geração de empregos diretos e indiretos. Este empreendimento fortalece a posição do estado como um expoente agroindustrial e atende a crescente demanda nacional por queijos de qualidade, integrando-se à estratégia das cooperativas de agregar valor aos seus produtos e expandir sua presença no mercado.

**SUPERCAMPO:**

Uma iniciativa de intercooperação digital lançada por doze cooperativas agro brasileiras, a Supercampo exemplifica a inovação no cooperativismo ao conectar mais de 80 mil cooperados com uma vasta gama de produtos e serviços oferecidos por empresas parceiras. A plataforma de *e-commerce* é focada em maquinários e insumos do setor agrícola. Também promove um ecossistema digital que facilita a interação entre produtores rurais e fornecedores, incentivando a fidelização e atendendo as necessidades contemporâneas do agronegócio.

**COOMAP E COOPMETRO:**

O projeto *Construindo juntas um transporte mais cooperativo*, colaboração entre a Cooperativa Nacional de Transporte Corporativo (Coomap) da Bahia e a Cooperativa de Transportadores Autônomos de Carga e Passageiros da Região Metropolitana de Belo Horizonte (Coopmetro), identificou uma oportunidade de mercado para expansão ao Ceará e beneficiou ambas as cooperativas economicamente. O projeto, inicialmente, esperava integrar 33 cooperados, mas chegou a 450 cooperados, com o faturamento projetado saltando de R\$ 13,8 milhões para R\$ 40,8 milhões. Além disso, o envolvimento cresceu de duas para oito cooperativas. O número de empregos diretos, inicialmente estimado em seis, aumentou para 62, proporcionando vantagens a mais famílias.

**LAR E COPAGRIL:**

A intercooperação entre a Lar Cooperativa e a Copagril, concretizada em novembro de 2020 e operacionalizada em janeiro de 2021, foi fruto de um planejamento voltado, principalmente, para os pequenos produtores. Essa aliança estratégica proporcionou a expansão do sistema de produção agrícola, elevando a Lar ao *status* de quarta maior produtora de frangos do Brasil, com mais de um milhão de aves abatidas diariamente. A parceria não só aumentou o número de empregos, impactando positivamente mais de 40 mil pessoas entre associados e funcionários, como também aprimorou os processos e a gestão na avicultura, resultando em um significativo crescimento produtivo e econômico. Com a aquisição de unidades industriais da Copagril e investimentos em melhorias e treinamento, a Lar aproveitou sua experiência no setor para potencializar os resultados, envolvendo 1.350 avicultores na produção conjunta, em 2022.

**CERTEL E SICREDI:**

O projeto *A energia que nos une* nasceu da intercooperação entre a Certel, uma cooperativa de infraestrutura, e quatro cooperativas do Sicredi, do ramo Crédito. Essa parceria teve como objetivo o financiamento da construção da hidrelétrica Vale do Leite, localizada no Rio Forqueta, entre Pouso Novo e Coqueiro Baixo, no Rio Grande do Sul. Essa colaboração entre as cooperativas promove a geração de energia limpa e renovável, e contribui para o aumento da renda, empregabilidade e o desenvolvimento regional. A iniciativa é destacada como um reflexo da força e do valor do cooperativismo, proporcionando aos associados energia de qualidade e tarifas acessíveis, demonstrando o impacto positivo que a cooperação mútua pode ter no progresso comunitário e no desenvolvimento sustentável.

**PERGUNTAS PARA DISCUSSÃO SOBRE INTERCOOPERAÇÃO**

1. Quem deve liderar o processo de intercooperação? Como deve ser exercida essa liderança?
2. De que forma a existência de uma estrutura mínima (componente organizacional) nacional e/ou regional aceleraria a intercooperação?
3. Como garantir uma adequada repartição de poder, gestão e governança em estruturas de intercooperação, de forma a garantir a manutenção da autonomia e da independência das cooperativas?
4. Como garantir que a intercooperação seja feita com a devida participação e o conhecimento dos cooperados?
5. Quais resistências naturais à intercooperação devem ser superadas?
6. Como promover a intercooperação entre cooperativas concorrentes para benefício mútuo?
7. O que pode ser feito para ampliar os projetos de intercooperação intersetorial?
8. Como potencializar a intercooperação digital? Como criar/ampliar um espaço onde essa intercooperação possa acontecer?
9. Qual é o papel do Sistema OCB nesta temática?
10. Como divulgar mais e melhor as práticas intercooperativas?
11. Como engajar a academia nos debates teóricos?
12. Como garantir que as estruturas e experiências intercooperativas sejam efetivadas em estruturas cooperativas? Que tipos de alterações legais poderiam ser realizadas?
13. De que forma podemos criar uma grande rede global de intercooperação?



## PROPOSTAS DE DIRETRIZES ESTRATÉGICAS EM INTERCOOPERAÇÃO

1. Ampliar a **conscientização para o consumo dos produtos e serviços das cooperativas** dentro do próprio sistema cooperativista.
2. Ampliar a **formação e sensibilização das lideranças, cooperados e colaboradores** em intercooperação, visando impulsionar a prática no movimento cooperativista.
3. Ampliar a **oferta de produtos e serviços do Ramo Crédito** para os demais ramos.
4. Ampliar as oportunidades conjuntas para **fornecimento de serviços e produtos para o governo**.
5. Ampliar mecanismos de **compras compartilhadas** entre as cooperativas.
6. Criar sistema de busca e disseminação de **boas práticas** no cooperativismo brasileiro, incluindo casos de sucesso em governança e gestão cooperativa, inovação, intercooperação, fidelização e outros.
7. Desenvolver **investimentos conjuntos** das cooperativas em infraestrutura.
8. Desenvolver um **programa de apadrinhamento** das cooperativas de grande com as de pequeno porte.
9. Estabelecer e fortalecer **comitês representativos em âmbito estadual, regional e nacional**, visando alinhar oportunidades de promoção à intercooperação.
10. Estimular a criação de **indicadores e metas** para acompanhar os resultados gerados pela intercooperação.
11. Estimular a formação de **sociedades de propósito específico ou alianças estratégicas** por parte das cooperativas para o desenvolvimento de determinado negócio e/ou produto.
12. Estimular a intercooperação para impulsionar a **inovação** cooperativista.
13. Estimular **centrais de serviços e redes de compartilhamento de recursos, estruturas e sistemas** entre cooperativas visando economicidade e eficiência operacional.
14. Estruturar **modelos de parcerias** de cooperativas com outros ramos e empresas mercantis, em áreas específicas e suplementares, a exemplo da produção de insumos, comércio internacional, mercado digital etc.

15. Implementar ações de **reconhecimento** para cooperativas que praticam intercooperação.
16. Implementar as ações prioritizadas no âmbito do **Comitê de Intercooperação das Cooperativas de Crédito** do Sistema OCB.
17. Implementar e potencializar **ferramentas tecnológicas** para facilitar e promover a intercooperação entre cooperativas de todos os ramos.
18. Incentivar a **importação** conjunta de insumos.
19. Instaurar um **fórum nacional permanente de intercooperação** do Sistema OCB e estimular que as OCEs organizem fóruns estaduais ou interestaduais de intercooperação.
20. Mapear **fornecedores em comum** de cooperativas, a fim de negociar de forma conjunta para aumentar o poder de barganha e negociação.
21. Promover a conscientização e divulgação dos benefícios da intercooperação por meio de **programas e exemplos práticos**.
22. Promover **eventos, encontros, feiras, intercâmbios e fóruns** para fortalecimento da intercooperação entre diferentes ramos e cooperativas.
23. Promover parcerias entre cooperativas de diversos ramos para a realização de **ações sociais**.
24. Propor diretrizes nacionais para **atuação de cooperativas em áreas comuns**.
25. Realizar levantamento de tendências de mercado e estudos para **mapear oportunidades** de intercooperação.
26. Realizar **pesquisa** sobre os desafios legais, regulatórios, contábeis e financeiros da intercooperação e estudos sobre experiências bem-sucedidas de intercooperação.

# 15° CBC

Congresso  
Brasileiro do  
Cooperativismo

Projetando um futuro + coop

somoscoop

 @somoscoop

somos.coop.br

 Sistema**OCB**  
CNCOOP | OCB | SESCOOP

 @sistemaocb

somoscooperativismo.coop.br